

A tessitura do processo de mediação: a interação entre juventude, mídia e escola

The weaving of the mediatization process: the interaction between youth, media and school

CIRLENE SOUSA¹, GERALDO LEÃO² & MANUEL PINTO³

Resumo

O presente artigo faz parte da pesquisa de doutorado, intitulada A tessitura do processo de mediação da cultura contemporânea: a relação entre dispositivos midiáticos, juventudes e modos de ser aluno. Neste trabalho específico, buscamos dar visibilidade para nosso percurso metodológico e como aí se costuram teorias e campos de observação. Para tanto, apresentamos: primeiro, o duplo enfrentamento entre a relação jovens/sociedade e escola/sociedade; segundo, a configuração do olhar paradigmático relacional sobre nosso objeto; terceiro, inscrevemos o conceito basilar da pesquisa, a mediação; como quarto ponto, esboçamos um pequeno sumário de análise do objeto.

Palavras-chave: “Questão do aprender”; Escola; Rede Social Facebook; Jovens Alunos

Abstract

This article is part of the doctoral research, entitled The tessitura Process mediatization of contemporary culture: the relationship between media devices, youths and ways of being a student. In this particular work, we seek to give visibility to our methodological approach and how there were related theories and field observation. Therefore, we present: first, the relationship between youth / society and school / society; secondly, the setting looking over our object relational paradigm and its methodology; third, the basic concept of research, media coverage, and finally as a fourth point, we outline a short summary analysis of the object.

Keywords: “Issues of learning”; School; Social Network Facebook; Young Learners

¹ Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais / cirlenesousa@yahoo.com.br

² Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais / gleao2001@gmail.com

³ Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho / mpinto@ics.uminho.pt

1. INTRODUÇÃO

O processo de inteligibilidade da sociedade contemporânea é em si mesmo complexo e pede algumas ponderações¹. Primeiro, sabemos que habitar uma sociedade em pleno e profundo processo de transformação e de mudanças sociais é afetar-se e ser afetado pelo jogo de questões aí construídas e em debate. Segundo, ser contemporâneo de uma determinada transição é viver os desafios do que nela se coloca como incompletude, tais como: a conexão e as lacunas entre “novas” e “velhas” questões, entre normas e valores, moral e ética. Campos estes que, ao longo do processo, vão sofrendo negociações e ajustes.

É isto que Braga (2007) diz ao destacar a incompletude do processo de midiaticização da cultura contemporânea, que se faz pelo constante processo de restabelecimento de fronteiras e de preenchimento de lacunas. Tomamos esta noção de incompletude como chave de interpretação do nosso objeto de pesquisa, tanto no seu sentido teórico, quanto no seu sentido metodológico-interpretativo. A interface do nosso objeto com esta incompletude se faz no campo de um duplo enfrentamento: por um lado, enfrentam-se as trajetórias dos sujeitos que vivem de forma mais intensa essa transição – aqui, os jovens e suas identidades de alunos(as). Por outro lado, enfrentam-se as respostas institucionais que são dadas a esse processo – no caso do nosso estudo, as respostas da instituição escolar. A seguir, apontamos alguns elementos deste duplo enfrentamento entre jovens e escola, no contexto contemporâneo.

2. ENFRENTAR SUJEITOS E INSTITUIÇÕES

Primeiramente, pensando no enfrentamento entre os jovens e a sociedade atual, é fato que nas últimas décadas temos convivido com o que alguns autores denominam de “questão juvenil”. Segundo Carrano (2010), a ideia de uma “questão juvenil” vem ocupando um lugar de significativa relevância num universo maior que é o das mudanças e inquietações da sociedade contemporânea. Para esse autor, tais questões se referem tanto às preocupações de âmbito mais gerais no que tange à inserção dos jovens na vida adulta, quanto às preocupações de âmbitos específicos da socialização juvenil, tais como: relações familiares e educacionais, o mundo do trabalho, a sexualidade, novas tecnologias, droga e violência dentre outros.

Ainda segundo Carrano (2010), é no palco das dinâmicas e mutabilidades sociais vividas na contemporaneidade que os jovens se colocam em interações, por vezes “como protagonistas e beneficiários das mudanças e por outras vezes sofrem os prejuízos de processos de ‘modernização’, produtores de novas contradições e desigualdades sociais” (Carrano, 2010: 1). Ainda no dizer deste autor, tais contradições e desigualdades são visíveis e manipuladas no que se tem destacado como as “preocupações” com a juventude. Estas se orientam, em grande medida,

¹ Para Castells (2013), a princípio, a Sociedade em Redes seria aquela que sofre um processo de revolução tecnológica de informação e tem um poder de penetrabilidade nas várias esferas da atividade humana (nova economia, sociedade e cultura em formação). Nesse sentido, para esse autor, qualquer análise dessa sociedade atual será sempre povoada de contradições e possibilidades.

“pela preocupação de que as próprias sociedades se inviabilizam com a interdição do futuro das gerações mais jovens. Sobre esta *juventude ameaçada* se depositam também as esperanças da renovação, muitas vezes se idealizando uma natural capacidade dos jovens para a transformação e a mudança” (Carrano, 2008: 66)

Melucci (1997) vai questionar a existência dessa “questão juvenil”. Devido ao fato, de a categoria juventude aí se colocar num plano muito abstrato. No dizer desse autor, as atuais tendências emergentes no âmbito da vida juvenil, de sua cultura e de sua ação, devem ser entendidas em uma dupla perspectiva: uma no plano macro-sociológico e outra no plano das experiências individuais. Segundo tal autor “pessoas jovens, e particularmente adolescentes, são atores-chaves do ponto de vista da questão do tempo em sociedades complexas”. (Melucci, 1997: 5).

Para tal entendimento é preciso compreender que as mudanças em torno da vida contemporânea atingem de modo especial os processos de sociabilidades: “O que foi considerado no passado como transmissão básica de regras e valores da sociedade é agora visto como possibilidade de redefinição e invenção das capacidades “formais” de aprendizado, habilidades cognitivas, criatividade” (Melucci, 1997: 5-6). Dentro deste campo de possibilidades, segundo Melucci, os indivíduos capturam, por um lado, possibilidades de ampliação, de potencialização e mesmo de orientação de suas ações. Mas em concomitante, os indivíduos sofrem “uma *regulação capilar* de suas capacidades de ação, que afeta suas raízes motivacionais e suas formas de comunicação” (Melucci, 1997: 6).

A síntese de Melucci é a de que a sociedade presente é um jogo de possibilidades, os fios que a costura são complexos, reticulados e densos de informação. Portanto, “sem o desenvolvimento das capacidades formais de aprender e agir (aprendendo a aprender), indivíduos e grupos não poderiam funcionar como terminais de redes de informação, as quais têm que ser confiáveis e capazes de auto-regulação” (Melucci, 1997: 6). E nestes fios reticulados, os jovens são a ponta de um iceberg, que se bem compreendia pode nos ajudar a elucidar fios, linhas de forças que costuram esta sociedade complexa e em rede.

No campo das pesquisas juvenis, um dos fios em debate é a relação entre vidas juvenis e o processo de midiaticização. Para Baccega (2002), a mídia tem se alimentado das linguagens juvenis expressas na cultura contemporânea, devolvendo-as sob a forma da linguagem midiática e exercendo, assim, poder de influência na formação de valores, sensibilidades, hábitos e atitudes entre os jovens.

Apontando à mesma direção, Fischer (2006) destaca que a mídia tem participado de forma singular na constituição dos sujeitos e das suas subjetividades ao produzir imagens, significações, saberes que de alguma forma se dirigem à “educação” das pessoas, “propondo-lhes modos de ser e estar na cultura” (Fischer, 2006: 7). No que se refere aos jovens, Schwerther & Fischer (2012) observam que a ocupação cotidiana desses jovens (em termos de dias e horas) com televisão, computador e internet “vai se acentuando de tal forma que pode ser tida como um ‘amor à conectividade’ acompanhado pelo instigante modo de ver a si mesmo como alguém que passa, que some no tempo, numa velocidade incontrolável” (Fischer, 2012: 415).

Ainda nessa direção, Lopes (2011) percebe que as novas tecnologias não devem ser tomadas como meros instrumentos, mas como efetivos dispositivos de relação, tanto em sentido informacional quanto em sentido comunicacional. Tais dispositivos, no dizer do autor, compõem-se de ferramentas que colaboram afetacionalmente no que diz respeito às construções identitárias dos sujeitos e, em especial, os jovens.

No conjunto deste debate, a instituição escolar também enfrenta a sociedade posta em mudança. Podemos dizer que, nos últimos anos, o sistema escolar tem sido bastante solicitado a fornecer conhecimentos e competências para o enfrentamento da “questão juvenil”, principalmente no que diz respeito à relação jovens/novas tecnologias. A escola enfrentaria questões como: a presença dos meios de comunicação nos processos formais de ensino presencial e a distância; a urgência da passagem de uma concepção inicial de recursos como auxiliares de ensino para uma compreensão mais sutil de qualidades próprias às imagens (com seu valor polissêmico); as possibilidades múltiplas de interpretação do jovem-aluno diante de produtos culturais com lógicas (e dimensões) distintas dos procedimentos escolares apoiados na linguagem verbal. Outra questão importante a se compreender é que a sociedade – hoje caracterizada como “midiaticizada” – tem seu funcionamento alargado através de processos de aprendizagens sociais diferidas e difusas (Braga, 2008).

Na opinião de Lopes (2011), hoje se faz notório que a escola perde o monopólio sobre a construção dos *gostos estudantis*. Para tal autor, tais questões acabam por expor um processo conflituoso de desescolarização das práticas juvenis em contexto escolar. Lopes (2011) enfatiza que essa desescolarização não se esgota no que diz respeito ao debate curricular, mas é sentida numa pluralidade ainda maior, num jogo relacional de variadas prevalências. Prevalências estas sentidas ora no campo da relação aprendizagem/entretenimento, ora por dimensões utilitárias e instrumentais de paradigmas mais generalistas e/ou das diretrizes em si mais ascéticas, na visão de Lopes.. E, por fim, acrescenta: “Em boa medida os estudantes transitam entre os vários mundos (curricular e extracurricular; escolar e extra-escolar) sem sentimentos agudos de esquizofrenia, porque, de facto, a crença no monopólio da ‘cultura cultivada’ desmoronou-se” (Lopes, 2011: 245).

Para dar corpo aos enfrentamentos acima esboçados, nossa metodologia de pesquisa não pode se contentar com respostas instrumentais, rápidas e lineares. Para tanto, apoiamos-nos em autores que pudessem nos ajudar a construir um olhar mais complexo e/ou relacional sobre o problema abordado. Inserimos-nos, assim, na perspectiva educativa relacional de Freire (1983) e na perspectiva *relacional* de França (2003).

3. A CONFIGURAÇÃO DE UM OLHAR

Freire (1983) nos alerta para o fato de que a vida das pessoas não pode ser compreendida fora de suas relações com o mundo, uma vez que todos e cada um de nós somos um “ser em situação”. O homem é um ser da “praxis”, que ocupa o tempo

e o espaço com ação e reflexão. Quando o homem atua, transforma; e “transformado, cria uma realidade que, por sua vez, envolvendo-o, condiciona o homem no mundo, pois que não existe um sem o outro” (Freire, 1983: 28).

Nesta construção entre homens e mundo efetua-se quadros específicos de interações e de situações comunicativas que deverão ser adequadamente consideradas, dado que é nesta situação de interação e de comunicação que os sujeitos se constituem na e pela presença do outro. Contudo, focando explicitamente a situação da educação juvenil contemporânea, Freire (1983) nos “ilumina” ao propor que o que fazer educativo é uma prática que se concretiza no mundo histórico, cultural e comunicacional. Neste que fazer educacional, os homens estabelecem suas relações com o mundo em que estão situados. Essas relações são envolvidas por jogos de mútuas negociações, mútuas aprendizagens, entre os sujeitos e os objetos implicados na interação – o que faz da educação uma prática comunicativa. Ademais, não podemos perder de vista que uma situação de afetação entre os sujeitos em comunicação é sempre atravessada pela materialização das formas simbólicas. É por meio desta materialização que a educação comunicativa se concretiza. A comunicação imbricada neste processo educativo é em si mesma uma relação intersubjetiva mediada pela linguagem.

Portanto o conceito de *educação comunicativa* que propomos em nossa tese se insere e dialoga diretamente com a perspectiva atual da concepção de comunicação relacional, construída pelo chamado *paradigma relacional* (França, 2003). A premissa básica deste paradigma é a comunicação como interação complexa – além da aparente linearidade emissor/receptor – operacionalizando uma dinâmica de mão dupla ritmada pela reciprocidade entre os indivíduos e a sociedade. Para dar conta dessa abordagem marcadamente relacional do nosso objeto, inscrevemos ainda nossa metodologia no campo das pesquisas de abordagem qualitativa. Esta se justifica exatamente pela tradição compreensiva e interpretativa dos objetos de estudo sob o olhar qualitativo. Por meio deste viés, buscamos compreender nossas questões de estudo a partir da vivência escolar dos jovens aqui pesquisados no ambiente de suas escolas². Nossa investigação se procedeu a partir de fontes de coleta de dados variadas: questionários, entrevistas e roteiros de observação. Depois de colhidos os materiais, partimos para a sistematização dos dados. Para tanto, utilizamos os procedimentos da *Análise de conteúdo* (AC) e da *Análise de discurso* (AD).

Deste modo, a perspectiva interacional da comunicação e, por conseguinte, nossa proposta de uma *educação comunicativa* é nossa via de acesso – com suas passagens e encontros, vieses e saídas – por onde inscrevemos o objeto de pesquisa, com sujeitos e questões a povoar os palcos e os bastidores de suas experiências escolares e midiáticas, naqueles contextos em que os sujeitos jovens – movendo-se nessas ambiências – se colocam como *jovens-alunos*. Considerá-los na sua dupla

² Trabalhamos com duas escolas, uma pública (Escola Estadual Madre Carmelita) e outra particular (Instituto Sagrada Família) localizadas na Cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais (Brasil).

condição de *jovens* e *alunos* em processos de interação no espaço escolar implicou, ainda, em analisar tal interação num diálogo direto com o chamado processo de midiaticização da cultura contemporânea. A seguir, pontuamos o significado desse processo para o nosso objeto de pesquisa.

4. A MIDIATIZAÇÃO COMO PROCESSO INTERACIONAL DE REFERÊNCIA

A midiaticização é uma questão que vem sendo debatida nos últimos anos, principalmente no campo da Comunicação e da Sociologia de mídias. Braga (2006) interpreta a grande incidência e potência da midiaticização da cultura contemporânea como *processo interacional de referência* para as pessoas e a sociedade, por seu status privilegiado e preferencial na vida contemporânea. Como pondera tal autor, a cada época ou desenvolvimento, a sociedade traz em si uma dinâmica que é inerente à vida social, configurando “processos interacionais”. Neste contexto, segundo Braga (2006), as novas tecnologias de mídia vão ganhando uma participação mais efetiva na construção social da realidade e conquistando espaços de intervenção, não apenas nas subjetividades, mas na vida das instituições sociais.

Para outros autores, nesta nova ambiência midiaticizada se instalaria uma nova ecologia comunicacional – o *bios* virtual: “Entendo que, mais do que uma tecnologia, está surgindo um novo modo de ser no mundo, representado pela midiaticização da sociedade” (Gomes, 2008: 19-20). Este mesmo processo implicaria um modelo e uma atividade de operação de inteligibilidade social, superando a mera funcionalidade das mídias e trazendo a midiaticização à esfera dos sentidos, valores e relações sociais. “Noutras palavras, a midiaticização é a chave hermenêutica para a compreensão e interpretação da realidade” (Gomes, 2008: 21).

O que ocorre nesta realidade – e eis aqui o fato novo – é que a comunicação centralizada, unidirecional (unilinear) ou vertical tem sido transformada, especialmente pela ambiência proporcionada pelas redes digitais. Nesse contexto, a mídia deixa de ser um campo fechado em si, delineado pelos *meios* instrumentais e suas mensagens, e passa cada vez mais à condição de *produtora de sentidos sociais* com apelo subjetivo. Desta forma, os estudos da midiaticização não focam apenas os produtos midiáticos ou as tecnologias que permitem a sua produção (ou seja, os *meios/mídia*), mas especialmente os processos sociais que estão à base dessas interações, com seus sujeitos, sentidos e suas novas formas.

A partir deste percurso metodológico e teórico, acabamos por evidenciar ao longo da tese que a afetação entre ser jovem e ser aluno na ambiência das escolas analisadas estava imbricada no atravessamento que os jovens inscreviam entre suas vidas escolarizadas e virtualizadas no *Facebook*³. Nesta imbricação se inscreveu mais

³ O *Facebook* é uma rede social. Um site onde cada pessoa pode ter o seu perfil composto por dados pessoais, fotos, vídeos, links, notas etc. Os componentes desta rede social, como aliás de todas as outras, interagem entre si, visitando perfis, fazendo amigos, estabelecendo contatos e deixando comentário. Recuero (2011) descreve de forma mais simples que a ideia de rede social está no seu poder de conexão. Portanto, se há uma ligação de uma rede de computadores conectada a uma rede de pessoas e organizações, tem-se aí uma rede social. Estas redes provocam mudanças importantes e complexas nas formas de organização sociais, das identidades, das conversações humanas e das mobilizações sociais.

detidamente a relação dos jovens com a “questão do aprender”, e como esta mobilizava a interface entre ser jovem e ser aluno no contexto da cultura midiaticizada contemporânea. Este é o ponto a partir do qual construímos o nosso eixo de análise, como exposto a seguir.

5. ESBOÇO DE ANÁLISE: ENTRE A ESCOLA E A REDE *FACEBOOK*

Dentre o conjunto das interações midiáticas juvenis, as redes sociais têm alcançado um lugar bastante especial. Entre os jovens com os quais trabalhamos, o *Facebook* se destaca como o site de rede social preferido. Tal preferência decorre diretamente das características e possibilidades de uso, muito apreciadas pelos jovens, tais como: manter conversas com o grupo de pares; participar de comunidades e grupos fechados; quebrar a fronteira espaço-tempo das relações; fazer pesquisa escolar e acessar conhecimentos diversos.

Um elemento que tem se mostrado relevante nesta interação dos jovens com a rede social *Facebook* se relaciona com o “aprender”. Diversas falas colhidas em nossa investigação configuram especificamente esta percepção. A frase “eu aprendo muito no face[book]” que, a princípio, nos parecia solta e/ou retórica, ao longo da pesquisa foi tomando outros sentidos e ampliando alcances.

De uma forma geral, a questão do “aprender” aparece nas falas e nas relações dos jovens no face de modo diferido e difuso. Por exemplo: “aprendo inglês no jogo”; “aprendi a tocar guitarra numa página do face”; “aprendi a respeitar a opinião dos outros”; “aprendo muito crítica de filme”; ou a negativa “face é só entretenimento, lá eu não aprendo nada de útil”. Além disso, os jovens fazem uma tentativa de relacionar experiências de aprendizagens nas redes com suas experiências escolares, acenando aí um processo de aproximação e afastamento do aprender nestes dois espaços de experiência. No presente trabalho, elencamos alguns elementos desse entre experiências.

Sabemos que para dar visibilidade à relação dos jovens com o aprender é preciso um esforço para operacionalizar de forma teórica e metodológica este conceito – tarefa que supera as páginas deste artigo. Podemos, contudo, de um modo sucinto, nos remeter às considerações de Charlot (2000), de quem tomamos muitas noções. Tal autor coloca a questão do aprender como um movimento que se estabelece em um número variado de proposições. A primeira delas: aprender é um movimento interior do sujeito, mas que em si mesmo não existe sem o exterior. A aprendizagem é uma “construção de si” simultaneamente e diretamente ligada à intervenção do outro, sem a qual ela mesma não seria possível. Dessa forma e em continuidade, o aprender só se realiza numa relação entre um sujeito consigo mesmo, com a alteridade, com um objeto e numa situação específica. Charlot (2000) enfatiza ainda que a aprendizagem é uma relação entre duas atividades: a atividade humana que produziu aquilo que se deve aprender; e a atividade na qual o sujeito que aprende se engaja.

Nas várias falas juvenis, notamos três grandes instâncias de aprendizagens: a primeira, ligada ao domínio de objetos/conteúdos; a segunda, ligada ao processo relacional/comunicacional midiático ou não; a terceira, aprendizagens via processos de socialização com suas respectivas sociabilidades. Estas instâncias de aprendizagens se faziam no jogo tenso de cisão e aproximação entre a escola e as redes sociais, um jogo entre o formal e o não formal das aprendizagens

Outro elemento de observação importante de ser notado na relação dos jovens com a “questão do aprender” é que esta relação é, por si mesma, indicadora de possibilidades e de conflitos que se fazem presentes no entre escola e redes sociais. Os jovens destacam: “minha vida escolar piorou muito devido ao meu vício com esta coisa de face”; “se não fosse as páginas de Física que eu curto no facebook, meu nome seria reprovado na escola”; “a escola me prepara para o vestibular; lá no meu face, eu aprendo mais o que eu gosto”; “eu quero ser cientista político: no meu face o que tem mais é isso, política”.

Outro elemento que consideramos importante, quanto às aprendizagens, é a ausência mais sistemática de tópicos da “educação para a diversidade”, especialmente: raça, gênero e relações afetivas. Observamos que, apesar de a relação comunicativa com o outro – aberta a multi-relações – ser uma instância do aprendizado contemporâneo, as relações e os enfrentamentos em torno do *aprender para a diversidade* mostram-se tênues ou insuficientes. Mesmo que alguns jovens destaquem a importância de aprender a respeitar o outro e a aceitar as diferenças, há pouco enfrentamento dessas questões na escola e em suas relações virtuais. Os jovens ainda lidam com estas questões em meio a piadas, brincadeiras e charges, seja no face, seja na escola. E o que nos parece mais grave: há um intenso processo de naturalização do preconceito nos dois espaços, denotando quão complexa seja a relação dos jovens com a diversidade enquanto aprendizagem nas suas interações midiáticas e escolares. Retomaremos esta questão mais adiante. A seguir, elencamos alguns elementos da relação jovens e *Facebook*.

6. UM PEQUENO SUMÁRIO DA REDE *FACEBOOK*

Do conjunto da relação dos jovens com a rede social *Facebook*, colhemos alguns “fios” que costuram a relação específica deles com a “questão do aprender”. Estes fios, ao mesmo tempo, tecem um olhar caracterizador dos jovens sobre a rede *Facebook* e indicam tópicos significativos de aprendizagem. Vejamos, então, como se dá esta tessitura.

6.1 *TECENDO FIOS*

Os fios que costuram e/ou enredam a vida juvenil no *Facebook* estão ligados por questões de apreciação e apropriação do formato da própria rede e o que ela possibilita em termos de acesso, conversação e troca de informações, conhecimentos e tantas outras questões. Constatamos que esta rede social está diretamente

incluída no processo de individuação e socialização da vida dos jovens; e que nestes processos estão conjugados modos próprios de ser, de viver, de agir, de aprender, numa constante interação com a sociedade. De modo geral, a rede social *Facebook* é tomada como uma ambiência de virtualização e atualização das interações cotidianas. Alguns fios condutores da relação dos jovens nessas redes nos ajudam a evidenciar como o contexto de remodelagem das interações juvenis se fazem na contemporaneidade e como estas configuram relações com o aprender. Vejamos a seguir:

PROTOSCOLOS DE COMUNICAÇÃO

Este fio das interações via *Facebook* se caracteriza por sua capacidade de singularizar protocolos de comunicação em rede. “Protocolos” no sentido de inscrição e projeção de formas de interações sociais, tais como: intensificação de contatos e conversas cotidianas; possibilidades de continuidades de contatos sem co-presença física; aproximação de parentes e amigos distantes; construção de espaços para amigos e relações culturais mundializadas.

LINGUAGEM HIPERTEXTUAL

A página do site da rede social *Facebook* disponibiliza uma convergência de elementos, como: variedades de linguagens (fotográficas, sonoras, escritas, humorísticas); variedades de diálogos entre redes (*Twitter*, *Youtube*, *Ask*); conexões entre páginas, sites e links, grupos e empresas; diversidade de dispositivos midiáticos (jornais, rádio, aparelhos móveis, televisão).

“ARENA” DE INSCRIÇÕES PARTICIPATIVAS

Ao frequentarem esta rede, os jovens se mostram entusiasmados pela possibilidade de participar em debates e grupos de discussão, e de inscrever suas posturas e opiniões no campo da política (repúdio à corrupção, debates eleitorais, manifestações sociais), no campo das atividades sociais (importância das questões ambientais, necessidade de cura do câncer infantil, assinatura em listas de protestos), no campo escolar (humorização e críticas à escola), e no campo dos acontecimentos mais gerais (eventos esportivos, novelas, desastres naturais). Há também significativa participação em grupos fechados e/ou comunidades de interesse (jogos, literatura, cinema, religião) e inscrições de opiniões em blogs com temas variados.

JOGO DO EU: EXPOSIÇÃO DE UMA AUTOIMAGEM

O *Facebook* é tomado como espaço de exposição da autoimagem, processos de identificação, de comunicação e visibilização de si frente ao outro. Para tal exposição são usados recursos variados: imagéticos, como fotografias e charges; escritos, como frases de autores e letras de músicas; vídeos do *Youtube*; pessoas que inspiram valores e atitudes (“Jesus”, pais e personagens memoráveis). Esta exposição é continuamente

atualizada a partir de informações das mais diversas, tais como: troca das Fotos do perfil; administração do “Sobre” (amorosa, inteligente, humilde, sincera, forte); “Gerais” como: minha família, minha religião, status de relacionamento, preferências (mulher, homem); indicações “psico-sentimentais” (felicidade, amor, amizade, tristeza, tempo, frustração, vícios); “Gostos” (música, cantores, esportes, livros, blogs, acessórios, comunidades, jogos, eventos). A possibilidade de construção/exposição de uma autoimagem no Facebook se faz, portanto, por meio de objetos vinculantes/identitários.

ACESSAR INFORMAÇÕES GERAIS

As informações acessadas pelos jovens em links, páginas, sites, blogs e comunidades fazem do *Facebook* um site de informações diversas. Os jovens buscam informações que abarcam desde questões práticas ou ordinárias (como cozinhar determinado prato; como formatar o computador; certificar-se de um endereço; construir e enviar currículos) até atualidades e peculiaridades do mundo das Ciências (como informação sobre experimentos humanos, cura de doenças, culturas exóticas, estudo dos animais, inovações tecnológicas), além de fatos históricos recentes ou remotos, dados geográficos e novidades cinematográficas.

O GOSTO COMO ELEMENTO TRANSVERSAL DO “FACE”

Uma das falas mais recorrentes e expressivas nas relações do jovem com o *Facebook* se dá em torno da percepção ou configuração de *gostos*. Observamos, porém, que não se trata de retórica ou expressão limitada ao apreço. Pois falam do “gosto” ao compor perfis, afirmar escolhas, administrar curtidas e compartilhar “coisas”, de modo que as “curtidas”, os “perfis” e os vários “posts” expressem sua identidade, reações e expectativas. Os jovens se valem desses mecanismos e potencialidades técnicas para imprimir dinâmicas nas interações ali tecidas, para reafirmar seu posicionamento no mundo e para reforçar suas ligações com sua comunidade de pares. Por exemplo, ao perguntar para os jovens qual o sentido que eles davam ao curtir, eles logo vinculavam a “algo que eu gostei”, “algo que eu aprovei” ou “uma ideia que está circulando”. Os posicionamentos em rede também indicam contatos com o mundo profissional e cultural de que participam ou aspiram participar. Exemplos verificados: ler e participar de grupos fechados sobre Literatura pode estar associado ao sonho de ser escritora; curtir jogos ambientados na Idade Média pode exprimir uma expectativa quanto à História como direcionamento profissional. Além disso, o gosto acompanha os complementos da educação formal, direciona contatos desterritorializados, e filtra as trocas de referência sobre livros, jogos, idéias e ideais. Dessa forma, o gosto pode ser pensado com um dos elementos fundantes da relação dos jovens com a questão das aprendizagens. Constatamos que as expressões “gosto mais”, “depende do gosto” ou “o que mais gosto” – no contexto dinâmico das interações – vão além de um modo trivial de expressar preferências, mas manifesta pendores naturais, potencialidades a desenvolver, leituras de mundo e expectativas de futuro.

7. OS FIOS ESCOLARES: MOBILIZAÇÃO E ATUALIZAÇÃO DO *ENTRE ESCOLA E FACEBOOK*

Eu fiquei sabendo que o diretor orientou os professores a não se relacionar muito com os alunos pelo facebook. Eu acho que seria mais interessante, se a escola buscasse ter algum proveito para sua vida de aluno. Deveria tá olhando pra quê isso vai servir para as aulas, para o nosso futuro. (Jovem Clarisse)

A fala da jovem Clarisse nos remete à relação dos jovens com o aprender, sinalizando para os atravessamentos que aí se dão entre escola e redes sociais. A seguir, tentamos sumariar alguns elementos explicitados pelos jovens, neste sentido. Para tanto, damos visibilidade a algumas situações do cotidiano escolar e das páginas individuais dos alunos no Facebook. Este sumário foi revelador de três campos discursivos e singnificativos para começarmos a pensar a relação dos jovens com a “a questão do aprender”. Num primeiro discurso, os jovens falam *COM* a escola; num segundo discurso, os jovens falam *SOBRE* a escola; e num terceiro discurso, os jovens falam *COM* e *SOBRE* a escola, simultaneamente. Como compreender essas formas de discursividade? Vejamos:

7.1 PRIMEIRO DISCURSO: OS JOVENS FALANDO *COM* A ESCOLA

Neste campo discursivo, em que os jovens falam *com* a escola no *Facebook*, inscreve-se um movimento de aproximação entre escola e rede. Os jovens se comunicam com o padrão escolar, mas fazendo interagir também nesta comunicação seus mundos, gostos pessoais e tópicos de seus projetos de futuro. Nesta tentativa de aproximação verificamos esferas de autonomia e de reflexividade. O falar *com* a escola é uma instância em que os jovens parecem fazer escolhas, aproximações e críticas dos seus processos de escolarização, mas em conversa com o conhecimento escolar. De um lado, este *falar com* a escola se efetua acessando o que seria próprio do formato escolar: aprender conteúdos de disciplinas, estudar, pesquisar. De outro lado, se dá acessando modos de aprender menos formalizadas pela escola: a sociabilidade com a turma, os eventos extraclasse e as festas. Dentre estes podemos destacar:

UM ELO(S) DE SOCIALIZAÇÕES

Um dos modos de *falar com* a escola, na rede, são as postagens e a interações com os processos de socialização vividos nas relações escolares. São formas de acessar aprendizagens situadas no campo das sociabilidades. Nas páginas pessoais dos alunos no Facebook encontramos muita interação com os colegas da turma a partir de eventos esportivos na escola, vídeos da turma e criação de eventos: ir ao cinema, a parques, a shows e a restaurantes. Eis aqui um modo muito próprio de os jovens se relacionar na escola e na rede via sociabilidade, via entretenimento com os pares.

RELAÇÃO COM PROFESSORES

No espaço das páginas individuais, constatamos também vínculos com os professores que fazem parte de sua rede de amigos. Esta amizade com o professor pode proporcionar desde relações mais escolarizadas (como tirar dúvidas sobre conteúdos escolares, acessar aulas dos professores, trocar materiais, conversar sobre trabalhos escolares) até a efetivação de vínculos mais esporádicos (como comentários sobre um determinado acontecimento político, sobre um problema mais particular da vida ou da educação). Em alguns poucos casos, a relação pode atingir níveis mais profundos. É o caso de uma estudante que disse: “Hoje eu sou muito amiga da professora de História do ano passado; é a pessoa que mais me ensina nesta vida. Eu tô ali precisando tomar alguma decisão, chamo ela no face . Isto foi bom, porque agora tomo mais cuidado pra falar de um professor, pois ele não é só aquela pessoa ali da Escola”. Certamente este é um caso muito singular. Porém, não podemos negar o fato de que a interação professor/aluno em rede pode mobilizar elementos interessantes na relação com o aprender

ACESSAR PÁGINAS VOLTADAS PARA ESTUDANTES OU INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS

Este tipo de acesso dos jovens está ligado diretamente às “coisas” e ou “informações” do universo escolarizado da vida juvenil: páginas que informam sobre vestibulares, sobre provas do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio no Brasil), que disponibilizam materiais e conteúdos para pesquisas e ou que mediam intercâmbios escolares. Contatamos também os acessos a sites de instituições como Universidades, Secretarias de Educação e sites escolares.

FORMAS DE ESTUDAR

Em rede, os jovens-alunos participam de grupos de estudos *online*, como grupo de vestibulandos (que se preparam para exames de admissão às universidades). Eles fazem pesquisas escolares a partir de sites e entram em blogs e páginas de professores. Há também uma prática de entrar em páginas de disciplinas escolares como de História e/ou comprar acesso às páginas que disponibilizam aulas e materiais para estudo. É interessante notar que nestas páginas há um amplo acervo de materiais disponíveis aos internautas: aulas, exercícios, vídeos, filmes, charges, músicas, animações, bibliotecas.

ACESSAR CONHECIMENTOS GERAIS

Os jovens se relacionam também com portais de atualidades gerais (sobre corpo humano, doenças, invenções tecnológicas, arqueologia), de curiosidades (do mundo animal, de culturas exóticas, do espaço geográfico), bem como de entrevistas com especialistas no campo da História (sobre guerras, invenções, personalidades históricas) e do estudo de catástrofes naturais (terremotos, irrupções vulcânicas, tsunamis, etc.).

VINCULAÇÃO DE ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE PROJETOS DE FUTURO

Tanto nos discursos e práticas cotidianas dos jovens na escola, quanto em suas relações no facebook, notamos pequenos elementos do traçado de seus projetos de futuro. Elementos como: a escolha profissional, a inserção no mercado de trabalho, demanda por formação escolar, o atualizar e ou almejar a uma universidade. Esta relação dos jovens com projetos de futuro é algo que se faz de forma transversal entre a escola e o *Facebook*, com traços singulares de cada um dos jovens pesquisados. Alguns criam estratégias mais explícitas, são mais ágeis e vão acessando nestes dois lugares (escola e rede) aqueles recursos que lhes possibilitam ir construindo seus projetos. Estes são jovens-alunos que já fizeram um discernimento de sua área de atuação profissional; querem entrar na universidade e ou almejam cursos valorizados no mercado econômico. Mas há outros que não têm estas estratégias tão construídas e outros, ainda, que se recusam a pensar o futuro. Esta forma de se relacionar com o projeto de futuro marca também uma forma de se relacionar com a escola e/ou de acessar aprendizagens no *Facebook*. Por exemplo: os jovens que têm definido qual Curso universitário almejam com o exame do vestibular, criam estratégias mais claras. É o caso da jovem Cristina que pretende cursar Relações Internacionais: em vistas disso, ela estuda línguas estrangeiras em cursinhos, reforça estes conhecimentos linguísticos em páginas na rede, pratica a leitura de revistas e acessa jornais online, valoriza disciplinas mais voltadas para a área de Ciências Humanas e quer fazer intercâmbio estudantil internacional. Assim, tanto na escola quanto nas estratégias de acesso criadas no facebook, constatamos que a relação mais ou menos intensa com os projetos de futuro é um indicador bastante individual da relação dos jovens com o processo de aprendizagem entre a escola e a rede – embora seja um indicador entre outros, já que na história de vida de cada um dos jovens há outros elementos que incidem em suas escolhas. O fato é que a própria ideia de aprendizagem para um possível futuro não é algo apenas funcional ou estático, mas um processo que vai inserindo o jovem num determinado campo, que o ajuda a registrar possibilidades de modo dinâmico como, por exemplo, selecionando tópicos de aprendizagem na internet.

7.2 SEGUNDO DISCURSO: OS JOVENS FALAM SOBRE A ESCOLA

Neste discurso do falar *sobre* a escola, o que se objetiva de forma mais concreta é uma exposição crítica sobre o formato escolar e que estão diretamente ligadas às características de interatividade/autonomia dos jovens na rede. Exposições que também se dão na fronteira entre a escola e o *Facebook*. Tanto em um espaço quanto no outro é perceptível o lugar deste segundo tipo de discurso. A diferença é que, na escola, o campo para atualizar, manifestar e ou/expor estas críticas são menores, devido ao próprio fato de como o processo escolar se efetua. Neste é evidente a pouca autonomia dos alunos em inscrever opiniões que possam levar a mudanças das relações e/ou da organização dos processos. Porém, nas entrevistas, suas

opiniões sobre a escola ficam muito evidenciadas, tais como: “Eu não sei se é certo dizer... Eu não quero passar a minha adolescência na escola, fazendo prova. A escola conecta muito nossa vida a resultados de prova, de atividade. Eu não quero fechar a escola nisso, sabe?!” (aluna Maria).

No *Facebook* este modo de crítica à escola também vai aparecer. O que se nota, como na fala anterior, é a exposição de um discurso crítico sobre o formato escolar. Detectamos, por exemplo, muitas críticas sobre o formato das aulas: quadro, autoridade do professor, provas, conteúdos, linearidade do tempo e do espaço (sala de aula). Essas críticas vem frequentemente acompanhadas por tópicos de exposição de crise escolar: desvalorização profissional do professor, descuido da relação jovem/mídia, deficiência dos conteúdos escolares. Ainda nesta modalidade, os recursos utilizados para falar sobre a escola são basicamente: imagéticos (no modo de charges) e/ou, alguns casos, o uso de redes como twitter.

7.3 TERCEIRO DISCUSO: FALANDO COM E SOBRE A ESCOLA

Um elemento muito presente na vida escolar de crianças, adolescentes e jovens hoje é o hábito de criar o grupo fechado no site da rede social *Facebook*. Neste grupo, os jovens falam, ao mesmo tempo, *com* e *sobre* a escola. Observamos também que, neste espaço, os jovens têm por primeiro objetivo facilitar a vida escolar da “turma” (colegas de classe). A “turma” é o lugar onde se pergunta e se responde de forma mais livre sobre atividades escolares; onde se informa sobre matérias, provas, tarefas a se cumprir em casa e, por fim, onde se postam fotos do quadro, organizam-se trabalhos, noticiam eventos, festas.

Os jovens avaliam este espaço *online* de forma positiva, no sentido de que ele possibilita respostas de forma rápida e ainda diminui o peso e a obrigação de concentração deles na aula. Eles destacam ainda o ganho em termos de autonomia e independência como alunos: sentem-se mais livres para tirar dúvidas, comentar sobre o professor e sobre a escola. Um dado importante para eles: este grupo seria dirigido pelos alunos, sem a necessidade da intervenção dos adultos. E, por fim, os jovens alunos destacam que o grupo ainda estaria favorecendo suas relações de “turma” na sala de aula, quebrando alguns vícios e dinamizando vínculos⁴.

Nesta “sala de aula” online notamos quatro formas de interação entre os jovens alunos. A primeira, caracterizamos como *ordinária* por ser a mais recorrente. Nesta, o elemento da interação são as perguntas sobre as atividades escolares: provas, datas, trabalhos, exercícios. A segunda forma de interação, caracterizamos como *cooperativa*. Nesta, os alunos interagem entre si ao resolver dúvidas sobre os conteúdos e ou sobre um tópico da matéria que não foi bem entendido durante a aula. Eles também organizam grupos de estudo pelo skype, a fim de estudar para a

⁴ Este é um ponto que merece atenção. Percebe-se, a partir de vivências no campo de pesquisa, que esta experiência de autonomia e mesmo da quebra de vícios e padrões na relação com a turma está recheada de contradições: bullying, preconceitos, formação de pequenos grupos, isolamento de colegas e tantos outros. Mas, não temos como tratá-las dentro dos limites desse artigo.

prova ou para realizar trabalhos. A terceira interação, denominamos de vínculos de sociabilidade: os alunos organizam festas, passeios, idas a shows, visitas a parques, participação em eventos da cidade, fazem brincadeiras com os colegas e recordam aniversários, além de postar vídeos e fotos engraçadas da turma. A quarta forma de interação denominamos de extraordinária: nesta, os alunos se posicionam sobre algumas regras escolares, sobre decisões da coordenação ou direção, comentam de professores positiva ou negativamente. É dita extraordinária devido ao fato de se fazer mais raramente. Acessando esse grupo, tem-se disponível: videoaula, links de sites educativos, resumos de conteúdo ensinado, filmes, charges, vídeos da turma, trabalhos produzidos, resumo de textos literários.

8. COR, GÊNERO E RELAÇÕES HETERONORMATIVAS : UM TÓPICO À PARTE

Apesar das muitas potencialidades de aprendizagens juvenis no contexto da cultura midiaticizada, sentimos em meio a este processo certa ausência, não enfrentamento e normatização das *questões de gênero, raça e comportamentos heteronormativos*. Quando presentes, tais questões são acessadas via humor, brincadeiras e frases curtas. Mas são ao mesmo tempo silenciadas, pela carência de uma reflexão mais profunda por parte dos alunos e ou da escola. Ainda que a educação para a diversidade seja contemplada nos projetos escolares e citadas em documentos do Ensino Médio com referência a raça e gênero – recortando intensamente as socializações juvenis – esses temas ganham pouco espaço reflexivo nas relações e nas aprendizagens dos jovens nos dois espaços pesquisados: o facebook e a escola. Durante o campo de pesquisa, acompanhamos muitos ditos que reforçam preconceitos, como: “esse cara é feio, pretinho, mas é inteligente”; “eu faço academia porque se não, eu não arrumo namorado: preta e gorda, sem chance”; “eu não adiciono cara gay no face, não... pega mal”; “eu só não adiciono menina feia... olho ali o corpito, o cabelinho, essas coisas”.

Além dessas falas colhidas no cotidiano escolar, observamos também um grande processo de naturalização das mesmas questões nas páginas que circulam no *Facebook*. Principalmente no que diz respeito às páginas inscritas como femininas, blogs pessoais (maquiagem, cabelo, estilo), empresas de customização (vestuários), páginas de humor, e de grupos religiosos. Por meio do acesso a estas páginas e das falas juvenis notamos, por exemplo, a normatização de um padrão de beleza tanto feminino (branca, magra, olhos claros, cabelos compridos e lisos), quanto masculino (branco, olhos claros e físico “sarado”). A padronização da beleza em si já é caracterizadora de preconceitos e da valorização de tipos socialmente construídos e preferidos. Em uma das páginas onde encontramos manequins negras ou com um corpo fora da estética normatizada, o preconceito vai desta a nomeação da páginas como: “O feio na moda”, acompanhadas de comentários como: “com este cabelo, agora ela ficou bonita”. Notamos que a ideia de feio nesta página é evidenciada, principalmente, pelos quesitos cabelo e tipo de corpo. Encontramos também uma página denominada “vou te roubar”, em que há um processo de humorização da malandragem, do roubo, do assaltado. Nesta, a presença de jovens negros é abertamente maximizada.

É interessante notar que nesta página também aparecem crianças negras, raramente vistas em páginas voltadas para a customização (páginas de moda e ou beleza). E, por fim, a normatividade fixa-se também nos tipos de relacionamentos. As comunidades acessadas pelos(as) jovens da pesquisa revelam o curtir de páginas em torno da relação afetiva/namoros apenas de casais héteros e também brancos. Não encontramos em nenhuma das páginas ou comunidades de relacionamentos juvenis uma foto do perfil que não fossem relacionadas a tal padrão e cujo ideal de namoro não fosse o hétero. Isto também observa-se em sala de aula e em brincadeiras com os colegas. Há algumas exceções, mas são raras. Portanto, este item apresentado a parte diz de um grande desafio da aprendizagem social no quesito diversidade, no contexto das redes sociais e dos cotidianos escolares dos jovens pesquisados. Desafios que não cancelam a potencialidade no que se refere ao acesso às múltiplas aprendizagens juvenis no contexto da Sociedade em Redes, mas que se somam a outros desafios ainda a enfrentar no que se refere ao “aprender” na Escola e na Rede.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entendimento da relação dos jovens com a “questão do aprender”, deixa-nos muitos desafios e perguntas para serem debatidas e sintetizadas em nossa tese. Mas, delineamos aqui, algumas enfrentamentos.

Primeiro é preciso demarcar que nosso campo vai indicando que de fato há marcas e fortes elementos na condição juvenil contemporânea que está diretamente ligada ao processo de mútua-afetação entre a midiaticização e suas vidas cotidianas. Podemos citar: virtualização, interatividade, flexibilidade do aprender, relações fluidas pessoais e institucionais. Estas características *online* operam sentidos em suas vidas estudantis, tais como: tendência a uma relação mais colaborativa no que se refere a aprender virtualmente, maior diversidade e materialidade em suas formas de estudo.

Para a escola de forma mais direta é urgente intensificar e/ou mesmo iniciar, mais institucionalmente, seu processo de virtualização em redes. Esta virtualidade seria um dos modos da escola enfrentar mais diretamente alguns limites de sua “forma escolar” no contexto contemporâneo. Como, por exemplo, o conflito entre atemporalidade de vidas juvenis e a linearidade das atividades e propostas escolares.

Outro ponto importante a destacar é a necessidade de compreender mais detidamente os percursos e as trajetórias individuais neste processo de relação entre sujeitos, a vida contemporânea e os modos de aprender.

FINANCIAMENTO

Este trabalho é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/Brasil).

REFERÊNCIAS

- Baccega, M. A. (2002) "Televisão e escola: aproximações e distanciamentos" *XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 1 a 5 de Setembro, Salvador.
- Braga, J. L. (2008) "Processos de aprendizagem: para uma sociedade de interação midiática" in F. Neto, et al, *Midiáticação e processos sociais na América Latina*,. Porto Alegre: Sulina, 147-162.
- Braga, J. L. (2007) "Midiáticação como processo interacional" de referência in A. S. Médola, et al. *Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática*. Porto Alegre: Sulina, 141-167.
- Carrano, Paulo (2010) "Jovens, escolas e cidades: entre diversidades, desigualdades e desafios à convivência" *II Colóquio Luso-Brasileiro de Sociologia da Educação*, 8 a 10 de setembro, Porto Alegre.
- Carrano, Paulo (2008) "Jovens pobres: modos de vida, percursos urbanos e transições para a vida adulta", *Ciências Humanidades e Sociedade em Revista*. 30 (2): 62-70.
- Castells, M. (2013) *O Poder da Comunicação*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Charlot, B. (2000) *Da Relação com o Saber: Elementos para uma Teoria*, Porto Alegre: Artemed Editora.
- Fischer, R. M. B. (2006) *Televisão & Educação: Fruir e Pensar a TV*, Belo Horizonte: Autêntica.
- França, V. (2003) "Louis Quéré: dos modelos da comunicação", *Revista Fronteiras*, (2): 37-51.
- Freire, P. (1983) *Extensão ou Comunicação?* São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra., 12.ed..
- Gomes, Pedro Gilberto (2008). O processo de midiáticação da sociedade e sua incidência em determinadas práticas sociossimbólicas na contemporaneidade. A relação mídia e religião in A. N, Fausto *Midiáticação e Processos Sociais na América Latina*. São Paulo: Paulus, 17-30.
- Lopes, J. T. (2011) "Modos de comunicar: viagens entre o real-virtual e o real-real" In Pais, J. Machado, et al. *Jovens e Rumos*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 243-253.
- Melucci, A. (1997) "Juventude, tempo e movimentos sociais", *Revista Brasileira de Educação* (5 e 6): 05-14.
- Recuero, R. (2.ed) (2011) *Redes Sociais na Internet*, Porto Alegre, Sulina.
- Schewertner, S. F. & Fischer, R. M. B. Juventudes, conectividades, múltiplas e novas temporalidades, *Educação em Revista*, 28 (1): 395-420.